

POLICARPO QUARESMA: DO FIM TRISTE AO PRÊMIO

Keli C. Pacheco¹

Resumo: Numa leitura continuada do enredo de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é possível observar a construção paulatina de uma crítica contundente à noção de pátria, nos ensinando que esta não passa de uma elaboração simbólica fundada pela exclusão que, quando olhada desapaixonadamente, revela uma considerável descontinuidade, tanto no que diz respeito à configuração do próprio território, quanto ao caráter, costumes e práticas das pessoas que nele habitam. Neste ensaio, tal debate circulará, em clave teórica, pelos escritos de estudiosos como Sérgio Buarque de Holanda, Benedict Anderson e Edward Said.

Resumé: Dans une lecture continué de la trame de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* c'est possible d'observer la construction progressive d'une critique puissante à la notion de patrie, dans l'enseignement que celle-ci ne passe pas d'une élaboration symbolique établie par l'exclusion qui, quand regardée impartialement, révèle une considérable discontinuité sur le qui concerne la configuration du territoire lui-même, autant que au caractère, à habitudes et à pratiques des habitants. Dans cet essai, tel débat circulerá, en clef théorique, par les écrits des studieux comme Sérgio Buarque de Holanda, Benedict Anderson et Edward Said.

Palavras-Chave: Triste Fim de Policarpo Quaresma. Pátria. Exílio.

Mots clés: Triste Fim de Policarpo Quaresma. Patrie. Exile.

“Policarpo Quaresma.
Idéia que mata.
A decepção.
O prêmio.”
(Lima Barreto, *Diário Intimo*, p. 154)

¹ Mestre e Doutoranda em literatura pela UFSC.

O romance *Triste Fim...*², composto por uma estrutura tripartite, é uma “espécie de concerto em três movimentos do desconcerto do Brasil”³. A personagem principal, em decorrência de uma enorme paixão pela pátria, opta pela ação. Policarpo Quaresma age sempre: leis, educação, agricultura, luta armada, quase nada escapa ao furor utópico e ufanista da ação da personagem.

Descrito como sendo um homem de hábitos regulares, visto como um excêntrico pela vizinhança, dono de uma estante apinhada de livros que não mostrava para ninguém, Quaresma é um homem discreto que, assim como uma formiga, carrega livros para sua casa e os devora em nome de um amor, até então, secreto pela pátria. Esse amor o tomava por inteiro, tanto que, quando moço, quis fazer-se militar, mas não foi aceito após exame médico. Assim, nosso protagonista contenta-se com a administração: “Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da pátria”⁴.

Neste trecho, uma crítica irônica atravessa a narrativa e adianta uma discussão que pretendemos travar em nossa análise, que relaciona a pátria com uma instituição, neste caso o exército, que impõe a ordem à nação e que a mantém segura sob o cuidado de quilos de pólvora e fuzis.

Após tantas leituras, e tantos pensamentos formulados no interior de seu escritório, a “formiga cria suas asas” e parte para um vôo nupcial em busca da sua tão amada pátria. E assim, logo nas primeiras páginas, o leitor descobre que a ação principal no romance decorre do desejo fortíssimo de um homem “apaixonado” que busca engrandecer o seu “amor”, ou seja, a pátria em que nasceu. Para tanto, Policarpo realiza uma pesquisa incansável com a intenção de encontrar a essência da pátria, dos mitos, valores, memórias e símbolos que a compõem e a expressam.

Segundo Benedict Anderson, “as nações inspiram amor [...], um amor profundamente abnegado”. Por parecer natural – como a cor da pele, o sexo, a ascendência e a época em que se nasce – nascer em uma nação também seria uma espécie de “coisa que não se pode evitar”. E esses vínculos que não são escolhidos têm à volta um halo de

² Publicado em folhetins pelo *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, entre 11 de agosto e 19 de outubro de 1911. Cinco anos depois é lançado em volume. Considerado por muitos críticos como sendo um romance central da obra do autor.

³ HOSSNE, Andrea Saad. “A forma da angústia”. *Revista Cult*, n. 60, 2002, p. 55. (Dossiê Cult)

⁴ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 17 ed. SP: Ática, 1997, p. 22.

desprendimento. Exatamente por isso a nação pode exigir sacrifícios⁵. Quaresma, como veremos, será capaz de realizar verdadeiros sacrifícios em nome da pátria, sem questionar, inicialmente, seus atos.

Conforme dizíamos, aquele furor antes utópico, encerrado no escritório de sua casa, se transforma em ação – “depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões, chegava agora ao período da frutificação”⁶. Ao pôr em prática seus pensamentos, realiza o primeiro evento da narrativa que compõe o chamado projeto cultural. Nele, Policarpo investe na modinha, pois crê que ela “[...] é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede”⁷. Deste modo, ele resolve tomar algumas lições de violão, instrumento mal visto na época, com Ricardo Coração dos Outros, tocador de modinhas. Além disso, Quaresma, com o auxílio de Ricardo e de General Albernaz, seu vizinho, parte em busca de lendas, contos, danças, anedotas do imaginário popular, claro que permeado pela idéia fixa de encontrar a base formadora da origem da cultura brasileira. Entretanto, durante o percurso, Quaresma depara-se com uma série de dificuldades para encontrar alguém que lembre das tradições do nosso passado nacional. Quando questiona recebe a resposta: – “Não, sinhô. Já mi esqueceu”. O narrador, então, nos diz que “Quaresma vinha desanimado. Como é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados? Com que rapidez morriam assim na sua lembrança os seus folgares e as suas canções? Era bem um sinal de fraqueza, uma demonstração de inferioridade diante daqueles povos tenazes que os guardam durante séculos!”⁸.

Assim como Lima Barreto, Anderson escreve que a nação é produto do esquecimento. Renan, historiador francês, citado por Lima Barreto na epígrafe de *Triste Fim...*, também nos diz que a nação se constitui pelo esquecimento coletivo, e não pela memória, até porque, se esta houvesse, descobriríamos, assim como Quaresma, que:

[...] a história de todas as culturas é a história dos empréstimos culturais. As culturas não são impermeáveis [...]. A cultura nunca é uma questão de propriedade, de emprestar e tomar emprestado com credores absolutos, mas antes de apropriações, experiências comuns e interdependência de todo tipo de culturas diferentes. Trata-se de uma norma universal.⁹

⁵ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas* – reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 202-203.

⁶ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 17. ed. SP: Ática, 1997, p. 30.

⁷ Idem, p. 27.

⁸ Idem, p. 34.

⁹ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. SP: Cia. das Letras, 1999, p. 275.

Esquece-se não só que a cultura é feita de empréstimos, como também se esquece de que em outras épocas a pátria de fato dava privilégios aos seus. “A estrutura institucional de Roma oferecia proteção e segurança aos cidadãos”, do mesmo modo na Grécia¹⁰, porém isto é esquecido, e a nação apesar de não corresponder mais às necessidades do cidadão, permanece como se fosse um interdito¹¹. É o que nos diz Lima Barreto num artigo de *Bagatelas*: “no ‘patriotismo’ que, tendo sido um sentimento fecundo em outras épocas, hoje não era mais do que um instrumento nas mãos dos burgueses para dominar as massas e explorar toda a terra em seu proveito, matando a rodo com outras mãos, saqueando, acumulando riquezas...”¹².

Retomando o enredo, depois do episódio do esquecimento, Policarpo descobre que as nossas tradições são de origem estrangeira. E isto (a busca pela pureza), ao invés de fazê-lo parar, impulsiona-o a ir mais fundo ao passado e, conseqüentemente, em seu projeto. Assim, só aqueles ainda intocados pela cultura do colonizador, ou seja, somente os índios poderiam representar a pureza nacional. Seu resgate dar-se-ia, então, através da língua, já que, afinal, é ela que representa exatamente o “solo” onde o passado está depositado. Tal atitude, porém, acaba adquirindo uma conotação de ridículo e só provoca risos, pois “a língua tupi-guarani não constitui traço de memória coletiva e os brasileiros não vêem na cultura indígena senão o outro, um estranhamento [...]”¹³.

Deste modo, Quaresma, ao tentar resgatar a língua tupi, nos diz que o estranho habita na própria nação, o *unheimlich* freudiano, “essa imanência do sobrenatural no familiar”, ou seja, o que sempre permaneceu em segredo, na sombra da nação e saiu dela, nos é revelado por Quaresma. Esse estranho põe fim ao poder ordenador da oposição – uma coisa ou outra – ser nacional ou não-nacional¹⁴, e assim,

¹⁰ Péricles justifica seu amor a Atenas, “porque Atenas quer que todos sejam iguais perante a lei”, “porque Atenas dá aos homens liberdade e a todos abre o caminho das honras”, “porque Atenas mantém a ordem pública, assegura aos magistrados a autoridade, protege os fracos, e dá a todos os espetáculos e festas que são educação da alma”. QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência, ou a literatura do exílio*. RJ: Topbooks, 1998, p. 62.

¹¹ Bataille chama de interdito o que desvencilha o homem da animalidade inicial, ou seja, o trabalho, a compreensão da morte e a sexualidade envergonhada. Assim podemos definir interditos como aquelas restrições que o homem se impõe, e que nunca são questionadas. E é somente na transgressão que o interdito se dá à consciência. BATAILLE, G. *O Erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

¹² BARRETO, Lima. “São Capazes de Tudo”. In: *Bagatelas*. Vol. IX - Obras Completas, 2. ed. SO: Brasiliense, 1961. p. 152.

¹³ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia. Op. cit., p. 59.

¹⁴ Sayad nos diz que “o ‘nacional’ só existiria por oposição a seu contrário ou, ao menos, na presença (presença efetiva ou apenas possível, presença vivenciada ou apenas pensada) de seu contrário, o ‘não-nacional’”. SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração*. SP: EDUSP, 1998, p. 266.

[...] ao poder ordenador dos narradores da oposição. As oposições possibilitam o conhecimento e a ação: as indefinições os paralisam. Os indefiníveis expõem brutalmente o artifício, a fragilidade, a impostura da separação mais vital. Eles colocam o exterior dentro e envenenam o conforto da ordem com a suspeita do caos.¹⁵

Ou seja, aqueles nacionais que tinham as oposições como verdades absolutas (o que “é” e o que “não é” nacional) vêem estas mesmas ameaçadas por Quaresma quando ele resgata a “estranha” e esquecida língua tupi. A distância do tupi é tamanha que a reminiscência provocada por Quaresma desencadeia somente risos de chacota e acusações de loucura. Certamente essas reações têm como base um só princípio, paralisar aquele que desordena as confortantes oposições estabelecidas¹⁶.

Porém, antes do episódio sobre o ‘tupi-guarani’, o narrador nos diz que “Quaresma não notou a contradição entre suas idéias patrióticas e o seu ato”¹⁷, referindo-se ao fato de o protagonista ser amigo de Vicente Coleoni, um quitandeiro, ambulante italiano, que foi ajudado por Quaresma em um momento de necessidade, e, após tal acontecimento, tornou-se grande amigo dele, tanto que Quaresma apadrinhou sua única filha, Olga – filha de pai e mãe italianos e nascida no Brasil. Olga é uma das únicas personagens da obra que compreende ou, pelo menos, procura compreender o padrinho desde o início ao fim da narrativa, assim como Ricardo Coração dos Outros.

Durante a primeira parte do romance, Quaresma tenta encontrar uma cultura legitimamente brasileira para aumentar nosso sentimento de nacionalidade, e se o seu projeto se viabilizasse ele certamente reforçaria a segmentação em nacionalismos, ou seja, pela exclusão (o que é nosso e o que não é). Entretanto, como estamos observando, na sua busca enlouquecida, o nosso protagonista está, de fato, realizando exatamente o contrário do que se propunha. Mas até o momento, Quaresma não percebe que seu projeto nunca daria certo, ele ainda não havia descoberto que não há uma essência de nação, ou uma cultura pura, por exemplo. Interessante é que Lima Barreto, ao construir uma personagem que nunca descobre a pureza da nação, já considerava a relatividade dos conceitos, isso no início do século XX, período em que as teorias raciais do século XIX, com a intenção de tornar verdade, comprovar através da ciência, um pensamento estereotipado,

¹⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. RJ: Jorge Zahar, 1999, p. 65.

¹⁶ Além disso, com a tentativa de oficializar a língua tupi em território nacional, Quaresma, inconscientemente, conjura o aparelho de Estado ao propor um retorno ao princípio de formação do país, ou seja, para o “antes ainda”, para o “nada”.

¹⁷ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 17. ed. SP: Ática, 1997. p. 38.

estavam em voga no Brasil. Estas teorias, apesar de manipular dados para comprovar hipóteses, segundo Lilian Schwarcz, duraram até os anos 30 no Brasil¹⁸.

Traçamos aqui somente um exemplo de um pensamento que busca uma essência que certamente nunca é encontrada. Assim como os teóricos raciais, Quaresma procura a essência, não das raças, mas da nação (sendo que aquela freqüentemente está imbricada no projeto de nação) e como homem honesto que é, prefere não forjar dados, e obviamente se frustra. A sinceridade de sua pesquisa revela uma busca não só pela nação, mas pela própria essência, pelo que é ‘ser’ nacional, e ele não pretende enganar a si próprio. Afinal, não é a nação que vive dentro dele, é ele que vive dentro dela, parafraseando Walter Benjamin¹⁹.

Nessa busca incansável de si e da nação, Quaresma parte para o seu próximo projeto, o rural. Recém saído do hospício, no qual ficou durante seis meses, sua afilhada o aconselha a comprar um sítio onde ele poderia viver e descansar. Então, adquire o “Sossego” e acredita piamente que poderia mostrar a todos que “a nossa terra tem os terrenos mais férteis do mundo”²⁰. Junto com o Anastácio, homem que morava na região, começa o trabalho na terra, mas o choque entre campo e cidade se estabelece no momento do embate entre Quaresma e Anastácio. Aquele traz uma série de livros e equipamentos, Anastácio diz que não há necessidade, que é preciso conhecer a natureza e saber lidar com ela. Quaresma descobre que não sabe capinar, e se irrita com isso. O homem da cidade com toda sua técnica e conhecimento descobre que ali ele de nada vale; no campo o homem precisa saber lidar com a natureza. Para isso, nos ensina Anastácio, era preciso entrar em comunhão com ela. Além dessa primeira dificuldade, Quaresma logo irá descobrir que aquela terra não era bem como Pero Vaz de Caminha havia descrito na *Carta*, na verdade era preciso muito trabalho diário.

Deste modo, observamos que em *Triste Fim...*, assim como em *Recordações do Escrivão...*, há um choque entre formação discursiva (retórica, ideológica) e prática. Esta relativiza e questiona certezas em que aquela se apóia.

É o que nos ensina Silviano Santiago ao comentar o episódio das formigas que invadem a casa de Policarpo Quaresma e destroem tudo. Para o crítico, ao nos mostrar

¹⁸ Conforme Lilian Schwarcz em *O espetáculo das Raças – Uma história de ‘Diferenças e Desigualdades’ – As doutrinas raciais do século XIX*. SP: Cia. das Letras, 1993, p. 43-257.

¹⁹ Sobre o colecionador, Benjamin diz: “não que elas estejam vivas dentro dele; é ele que vive dentro delas”. BENJAMIN, W. “Imagens do Pensamento”. In: *Rua de mão única - Obras Escolhidas Vol. II*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. SP: Brasiliense, 1987, p. 235].

²⁰ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 17. ed. SP: Ática, 1997. p. 74.

que Policarpo Quaresma sentiu “uma ferroada no peito do pé”, Lima Barreto é o primeiro a nos dizer que “no lugar da terra ubérrima, vamos encontrar uma terra invadida por formigas; aquela terra paradisíaca só existe nos livros, esta na realidade. Tal contradição é magnificamente tematizada e ironizada em certo trecho de *Policarpo Quaresma*, onde o discurso ufanista salta dos livros e se choca irremediavelmente com a realidade”²¹.

Silviano Santiago, ainda neste mesmo ensaio, comenta sobre o fim triste de Policarpo: “O pessimismo visceral do pensamento de Lima Barreto aflora [...]; o nosso Policarpo nada deixa de si, daí a ironia maior de seu nome”. Numa posição oposta àquela que o próprio escritor indica em seu diário (posto aqui em epígrafe), Silviano supõe uma postura pessimista de Lima Barreto, como se, não sendo possível a visão ufanista, metafórica, não fosse possível nenhuma outra. Como argumento, é usada uma interpretação dos sentidos do nome Policarpo Quaresma. “Policarpo” é, entre outras acepções exploradas pelo crítico, aquele que dá frutos. Mas, para Silviano Santiago há, sobretudo, ironia neste nome. “Quaresma”, por sua vez, diz ele, significa penitência, uma espécie de coqueiro, além de um tipo de parasita. “É tanto o sinal que indica o caminho em vão do bode expiatório, como ainda o símbolo romântico por excelência da brasilidade ufanista que é o coqueiro”²². É claro que faltou a Silviano a consideração de que o fim da quaresma é o início da páscoa e que com ela há a possibilidade de ressurreição, ou seja, de fato há a morte, mas Policarpo deixa seus pequenos frutos, ou o “prêmio”.

Voltando ao romance, ainda na parte que compõe o projeto rural, no ‘Sossego’, tomamos conhecimento de uma rixa política local, que Quaresma desconhece e prefere não tomar partido ao ser questionado pelo escrivão da cidade, Tenente Antonino Dutra, que suspeita de sua postura: “Com certeza, disse ele consigo, este malandro quer ficar bem com os dois, para depois arranjar-se sem dificuldade. Estava tirando sardinha com mão de gato... Aquilo devia ser um ambicioso, matreiro; era preciso cortar as asas daquele ‘estrangeiro’, que vinha não se sabe donde!”²³.

Assim como Policarpo Quaresma sentia-se e era visto como um estrangeiro no “Sossego”, seu amigo Ricardo Coração dos Outros também se sentia um exilado no subúrbio, o que fica claro, por exemplo, na cena em que de dentro de sua casinha, observando da janela a cidade, um sentimento de nostalgia o invade:

²¹ SANTIAGO, Silviano. “Uma ferroada no peito do pé”. In: *Vale quanto pesa*. SP: Paz e Terra, 1982, p.180 [itálico do original].

²² Idem, p. 174.

²³ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 17. ed. SP: Ática, 1997. p. 81 [grifo nosso].

Com o olhar perdido, Ricardo lembrava-se de sua infância, daquela sua aldeia sertaneja, da casinha de seus pais, com seu curral e o mugido dos vitelos...E o queijo? Aquele queijo tão substancial, tão forte, feio como aquela terra, mas feraz como ela tanto que bastava comer dele uma pequena fatia para se sentir almoçado...E as festas? Saudades...E o violão, como aprendeu[...].²⁴

Segundo Said, “o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar [...]”. Sendo que a palavra ‘exilado’ não deve ser vista como simples sinônimo de expatriado, mas como uma condição humana de solidão e espiritualidade.

Por mais que tenham êxito, os exilados são sempre excêntricos que *sentem* sua diferença (ao mesmo tempo que, com frequência, a exploram) como um tipo de orfandade. [...] Agarrando-se à diferença como uma arma a ser usada com vontade empedernida, o exilado insiste ciosamente em seu direito de se recusar a pertencer a outro lugar.²⁵

Quaresma é um incompreendido, nem a sua irmã o entende verdadeiramente. Ricardo, além de ter o “sentimento de exílio”, de ter esse olhar de estranhamento dentro da cidade, é um homem das classes populares²⁶, marginalizado, suburbano. Como vemos, Policarpo e Ricardo são homens que têm sentimentos bastante similares, afinal eles “não se sentem em casa na própria casa”, parafraseando Adorno citado por Said.

Mas, temos no capítulo três, ainda da segunda parte do romance, os preparativos para o casamento de Olga. Nele, o narrador nos mostra que a personagem vai à igreja não porque deseja, mas em razão da “timidez natural da moça em romper que a levaram ao casamento. Tanto mais que ela, de si para si, pensava que se não fosse este, seria outro a ele igual, e o melhor era não adiar”²⁷. Além do mais, “havia entre os dois uma grande afeição [...]”. Essa sua admiração não lhe vinha da educação. Recebera a comum às moças de seu nascimento. Vinha de um pendor próprio, talvez das proximidades européias de seu nascimento, que a fizeram um pouco diferente das nossas moças”²⁸. Como vemos, Olga, além da experiência de ser filha de imigrantes italianos, também possui o

²⁴ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 17. ed. SP: Ática, 1997, p. 87.

²⁵ SAID, Edward. “Reflexões sobre o exílio”. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia. SP: Cia. das Letras, 2003. p. 55. [itálicos do original].

²⁶ Segundo Maria Zilda Ferreira Cury, “os Outros”, no nome de Ricardo, pode ser lido como “os das classes populares”. In: *Um Mulato no Reino de Jambom*. SP: Cortez, 1981. p. 39.

²⁷ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 17. ed. SP: Ática, 1997, p. 93.

²⁸ Idem, p. 39.

sentimento de estranhamento comum a Ricardo e Policarpo. Daí nasce a empatia entre estas personagens.

Os três – Policarpo Quaresma, Olga e Ricardo Coração dos Outros – formam um grupo que é chamado por Maria Zilda Ferreira Cury de “inconformados”. Há, de fato, uma ligação evidente entre estas personagens, as únicas a permanecerem dignas durante toda a narrativa; o restante, ou pelo menos a grande maioria, tendo algum tipo de desvio de caráter: lembremos dos doutores que não possuem conhecimento algum, mas têm títulos; ou dos militares que nunca estiveram em uma guerra; ou dos políticos que só fazem jogo para estar no poder, etc. Os únicos que se salvam da ira do narrador são os exilados “sempre excêntricos que *sentem* sua diferença como um tipo de orfandade”²⁹. Portanto, chamá-los simplesmente de inconformados seria reduzir estas personagens a um simples sentimento de revolta que, de fato, não dá conta de suas complexidades.

Dando continuidade ao enredo, o projeto militar inicia ainda na segunda parte, em que Quaresma, desapontado com o Sossego, fica sabendo da luta armada contra os revoltosos que ameaçavam o governo de Floriano Peixoto. Ele, então, se aproxima de Floriano para apresentar um memorial que tinha como plano engrandecer as bases agrárias da nação. Entretanto, Floriano não lhe dá ouvidos, e o convoca para participar da luta armada como integrante do batalhão Cruzeiro do Sul. Lá, Policarpo encontra Ricardo Coração dos Outros que também havia sido convocado. Quaresma, tomado pelo entusiasmo de Floriano, “pensava na grande obra que o Destino reservava àquela figura plácida e triste; na reforma radical que ele ia levar ao organismo aniquilado da pátria, que o major se habituara a crer a mais rica do mundo, embora, de uns tempos para cá, já tivesse dúvidas a certos respeito”³⁰. A guerra aparece como uma possibilidade real de concretizar seus planos, mas, ao mesmo tempo, o narrador evidencia um certo descontentamento e descrença de Policarpo que aumenta gradativamente; já Ricardo vê na guerra a derrocada de seu programa de artista. Ao ser proibido de tocar violão no quartel, ele se deprime.

Mas logo se dá o desapontamento final de Policarpo com a maneira de governar e com a pessoa de Floriano Peixoto, que o chamara de visionário. Quaresma, com “um espinho n’alma”, desenvolve um espírito crítico com relação a Floriano:

Era pois para sustentar tal homem que deixava o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por esse homem que tanta gente morria? Que direito tinha ele de vida e de morte sobre os seus concidadãos, se não se interessava pela sorte

²⁹ SAID, Edward. “Reflexões sobre o exílio”. In: Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. Trad. Pedro Maia. SP: Cia. das Letras, 2003, p. 55 [itálico do original].

³⁰ BARRETO, Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. 17 ed. SP: Ática, 1997, p. 132.

deles, pela vida feliz e abundante [...]. Pensando assim, havia instantes que lhe vinha um mortal desespero, uma raiva de si mesmo; mas em seguida considerava: o homem está atrapalhado, não pode agora; mais tarde com certeza ele fará...³¹

Já percebemos aqui, um Quaresma mais reflexivo, autocrítico, não tão apaixonado como antes por um ideal abstrato de pátria, ele, enfim, começa a questionar seu projeto. Antes disso, Olga já observara um estranhamento no olhar do padrinho, “sem aquela alegria expansiva de sempre”. Logo, ao escrever para sua irmã, que estava no “Sossego”, ele narra “o sofrimento moral” pelo qual passava: “Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maníaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade”³².

Nesta parte da narrativa a ação, antes física, esmaece em função do relevo ao plano psicológico. O narrador se aproxima da personagem, e esta, por sua vez, começa a ponderar sobre os acontecimentos com um certo distanciamento. Quaresma fica chocado com o modo como os prisioneiros são escolhidos para serem mortos, por mero acaso, por um simples desejo de um superior que os leva para a morte sem alguma justificativa. Com isso, Quaresma escreve uma carta a Floriano e por tal ato acaba sendo preso, logo sabe que também será morto.

O reconhecimento de que seu projeto patriótico era, em si, uma ilusão somente se dá na prisão, quando o narrador nos transmite o pensamento de Quaresma:

Apátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do Doutor Campos, a do homem do Itamarati.

E, bem pensado, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser Pátria? Não teria levado toda a sua vida norteado por uma ilusão, por uma idéia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma Deusa cujo império se esvaía? Não sabia que essa idéia nascera da amplificação da credence dos povos greco-romanos de que os ancestrais mortos continuariam a viver como sombras e era preciso alimentá-las para que eles não perseguissem os descendentes? Lembrou-se do seu *Fustel de Coulanges*... Lembrou-se de que essa noção nada é para os Menenanã, para tantas pessoas... Pareceu-lhe que essa idéia como que fora explorada pelos conquistadores por instantes sabedores das nossas subserviências psicológicas, no intuito de servir às suas próprias ambições...

³¹ Idem, p. 155-6.

³² Idem, p. 167.

Reviu a história; via as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos sendo francês, inglês, italiano, alemão, podia sentir a Pátria?

Uma hora, para o francês, o Franco-Condado era terra dos seus avós, outra não era; num dado momento, a Alsácia não era, depois era e afinal não vinha a ser.

Nós mesmos não tivemos a Cisplatina e não a perdemos; e, porventura, sentimos que haja lá manes dos nosso avós e por isso sofremos qualquer mágoa?

Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista.³³

O excerto citado é o ápice de um pensamento que vai se desenvolvendo paulatinamente no decorrer da narrativa. Em Lima Barreto, aparece enfim uma crítica contundente ao nacionalismo romântico, já que não apenas denuncia o absurdo daquele processo de idealização da pátria³⁴, mas aponta para um questionamento da própria idéia de nação, ressaltando seu caráter de ‘comunidade imaginada’³⁵. Afinal, o enredo de *Triste fim...* nos diz que as nações não são produtos determinados de certas condições sociológicas, como a língua, a raça ou a religião, mas são vivificadas pela imaginação e isso faz com que as pessoas compartilhem a crença de que pertencem à mesma comunidade. Esta é a noção de ‘comunidade imaginada’ formulada em clave teórica por Benedict Anderson, e como vemos, já presente em Lima Barreto, em clave ficcional.

Vemos em *Triste Fim...* que a pátria não passa de uma construção humana fundada pela exclusão que, quando olhada desapaixonadamente, revela uma considerável descontinuidade, tanto no que diz respeito à configuração do próprio território que

³³ Idem, p. 176.

³⁴ Este tipo de crítica estava também presente em Monteiro Lobato, que em *Urupês* escreve, “morreu Peri, incomparável idealização dum homem natural como sonhava Rousseau, protótipo de tantas perfeições humanas que no romance, ombro a ombro com altos tipos civilizados, a todos sobreleva em beleza d’alma e corpo. Contrapôs-lhe a cruel etnologia dos sertanistas modernos um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Ceci”. [LOBATO, Monteiro. *Urupês*. SP: Brasiliense, 1994, p. 165].

³⁵ Leitura feita também por Roberto Vecchi, quando afirma que “através da construção romanesca, Lima Barreto opera a desmontagem do aparato metafórico da nação imaginada pela elite e sedimentada desde a colônia nas representações edênicas da brasileira despotencializando, sem ressentimento histórico mas com a argúcia crítica e prática estética, o artifício ideológico, os falsos mitos, o pseudo sentimentalismo patriótico, da localização ufanista do estado-nação”. [VECCHI, Roberto. “Raízes do Brasil e a insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento modernistas”. In: BRESCIANI, Stela e NAXARA, Márcia. *A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento modernistas*. (orgs.) SP: UNICAMP, 2001, p. 460].

ocupa, quanto ao caráter, costumes e práticas das pessoas que habitam esse território³⁶. O interessante é que, anos depois de Policarpo, isto é reafirmado por Sérgio Buarque de Holanda logo na primeira sentença de *Raízes do Brasil*: “a tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências”³⁷. Isto significa que a experiência histórica brasileira parece condenada ao descompasso entre as idéias e o seu lugar. Curioso é que o leitor de Sérgio Buarque, da mesma forma que Policarpo, se propõe encontrar as *Raízes do Brasil*, conforme promete o título, porém, logo na primeira página, descobre-se estrangeiro em sua própria terra³⁸.

Além disso, coincidentemente ou não, já que sabidamente Sérgio Buarque é um leitor de Lima Barreto,³⁹ em *Raízes do Brasil* há também um reconhecimento de que a noção de pátria não abarca a complexidade do mundo moderno, quando ao fim nos é dito:

[...] se no terreno político e social os princípios do liberalismo têm sido uma inútil e onerosa superfetação, não será pela experiência de outras elaborações engenhosas que nos encontraremos um dia com a nossa realidade. Poderemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo esquemas sábios e de virtude provada, mas há de restar um mundo de essências mais íntimas que, esse, permanecerá sempre intacto, irredutível e desdenhoso das invenções humanas. Querer ignorar esse mundo será renunciar ao nosso próprio ritmo espontâneo, à lei do fluxo e refluxo, por um compasso mecânico e uma harmonia falsa.⁴⁰

Ao fim de *Raízes de Brasil*, Sérgio Buarque chama a atenção para a existência

³⁶ No artigo *Em busca da terra prometida*, Vera Figueiredo, acrescenta: “Ao associar a nação a um Deus, Lima Barreto chama a atenção para o fato de que o nacionalismo não é uma ideologia abraçada racionalmente e que, ao voltar-se para a criação de novas formas de lealdades humanas, para um novo modo de vincular fraternidade, vinha preencher a lacuna deixada pelas crenças pré-modernas, inclusive pela imaginação religiosa que a secularidade racionalista abalou a partir do século XVIII. Daí o questionamento de Policarpo Quaresma, no final do livro, quanto à consistência racional da noção de pátria, percebendo que, de um determinado ângulo, o nacionalismo não resiste à reflexão crítica. A nação não seria uma comunidade que se estende na história e que possui uma (sic.) caráter distintivo natural”. [FIGUEIREDO, Vera Lúcia de. “A busca da terra prometida”. In: ANDRADE, A. L. CAMARGO, M. L. B., ANTELO, R. (orgs.). *Leituras do Ciclo*. SC: Grifos, 1999, p. 243].

³⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. SP: Cia. das Letras, 2003, p. 31.

³⁸ Esse paradoxo anotado por Sérgio Buarque constitui um dos eixos da poética drummondiana, conforme observamos em leituras de *As impurezas do Branco*. A temática está presente em outros livros, fato que uma pesquisa posterior poderá constatar.

³⁹ Conforme se observa no prefácio que Sérgio Buarque de Holanda escreveu para *Clara dos Anjos*, publicado na coleção *Obras Completas*, organizada por Francisco de Assis Barbosa.

⁴⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Op. Cit., p. 188 [grifo nosso].

de “um demônio pérfido e pretensioso, que se ocupa em escurecer aos nossos olhos estas verdades singelas. Inspirados por ele, os homens se vêem diversos do que são e criam novas preferências e repugnâncias. É raro que sejam boas”. Possivelmente, esse demônio é aquele que obscurecia as vistas de Policarpo Quaresma, ou seja, a pátria⁴¹.

Sendo assim, ao lançar na primeira página a tese de que somos exilados em nossa própria terra, Sérgio Buarque parece querer desenvolver em nosso espírito (ou certificar-nos da existência de nosso tipo particular de espírito) aquele mesmo sentimento das personagens exiladas que Lima Barreto construiu. A partir dessa condição de estranhamento nos seria finalmente possível enxergar o demônio “pérfido e pretensioso que nos obscurece os olhos”.

O que sugeriram, de modos diversos (o primeiro no âmbito da ficção; o outro do ensaio), Lima Barreto e Sérgio Buarque, é o que hoje Edward Said chama de passar de uma consciência nacional para uma consciência política e social. Esta última permite “um afastamento do nacionalismo separatista em direção a uma visão mais integrativa da comunidade e da libertação humana”⁴². Ou seja, Lima Barreto, ao criar uma personagem como Policarpo Quaresma, participa da luta pela resistência cultural. Para Lima Barreto, Sérgio Buarque e Said, somente através desta luta haveria a libertação; afinal, “assim como nenhum de nós está fora ou além da geografia, da mesma forma nenhum de nós está ausente da luta pela geografia”⁴³.

Entretanto, o Quaresma de Lima Barreto morre em completo abandono, todos aqueles com quem privara e em quem confiara, com a exceção de alguns poucos, deixam-no à míngua. Poderíamos até dizer que a sua luta foi vã, como nos disse Silviano Santiago. Porém, vale lembrar que há dois personagens que tentam ajudá-lo e são aqueles

⁴¹ Em consonância com esta leitura, Vecchi nos diz: “dentro dessa alegorização musical, que é muito forte justamente na última parte de Raízes do Brasil - decisiva pela rearticulação projectual que promove, encontra uma metáfora explicativa essencial (que lhe permite dar forma ao sentimento/instinto de uma nação sentida como um processo vivo de identificação conflituoso) que é a de contraponto. Figura, essa, que quebra os limites de uma dialética exclusivamente dualista (e bem mais dual), inviável se não em abstrato na forma que esse tipo de formação gerou, mas que logra manter o concerto plural e polifônico da nação, numa dimensão portanto realmente internacional capaz de articular uma diferença cultural dentro da ‘nossa desordem’”. [VECCHI, Roberto. “Raízes do Brasil e a insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento modernistas”. In: BRESCIANI, Stela e NAXARA, Márcia. (orgs.). *A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento modernistas*. SP: UNICAMP, 2001, p. 469].

⁴² SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. SP: Cia. das Letras, 1999, p. 274.

⁴³ Idem, p. 37-38.

que fazem parte do grupo que chamamos de exilados. A convivência entre as três personagens é realçada nas cenas finais, em que o protagonista vive o seu 'triste fim'. Olga e Ricardo são o centro da narração nestas cenas; apontam para uma via alternativa de superação das questões colocadas por Policarpo. É significativo que a possibilidade de superação se inicie em uma personagem filha de imigrantes italianos, Olga, e um representante da classe dos populares, Ricardo⁴⁴.

Saiu e andou. Olhou o céu, os ares, as árvores de Santa Teresa, e se lembrou que, por estas terras, já tinham errado tribos selvagens, das quais um dos chefes se orgulhava de ter no sangue o sangue de dez mil inimigos. Fora há quatro séculos. Olhou de novo o céu, os ares, as árvores de Santa Teresa, as casas, as igrejas, viu os bondes passarem; uma locomotiva apitou; um carro, puxado por uma linda parelha, atravessou-lhe na frente, quando já a entrar do campo... Tinha havido grandes e inúmeras modificações. Que fora aquele parque? Talvez um charco. Tinha havido grandes modificações nos aspectos, na fisionomia da terra, talvez no clima... Esperemos mais, pensou ela; e seguiu serenamente ao encontro de Ricardo Coração dos Outros.⁴⁵

Segundo Carlos Eduardo Capela, as passagens conclusivas do livro são compostas a partir da perspectiva da personagem de Olga, o que é em si sintomático. Mais relevante, porém, é que elas apontam para o futuro, para a esperança de que um dia venha a nascer das ruínas do presente uma sociedade justa e menos hipócrita⁴⁶.

Capela ainda ressalta que há uma simpatia pela personagem de origem estrangeira, ela está incluída entre esses poucos para quem senso de justiça e solidariedade humana são valores a preservar e defender. A origem italiana que poderia ser um fator diferenciador, no romance não constitui marca degeneratória, recoberta que é por uma aura redentora. A aproximação entre uma mulher, filha de italianos, e o suburbano, tocador e compositor de modinhas, emite o brilho particular da construção utópica. Sobre esses seres híbridos, tratados conforme aos acordos do preconceito, da exclusão e da censura, projeta-se o futuro, à espera de um possível.

À exclusão que a sociedade carioca impõe a Policarpo, por suas excentricidades, a Olga e a Ricardo, por motivos de origem, étnica e social, e de gênero, o escritor

⁴⁴ O crítico que, salvo engano, primeiro chamou atenção para a ótica positiva com que Lima Barreto aprecia os imigrantes foi Alfredo Bosi. ["Sob o signo de Cam". In: *Dialética da colonização*, 3. ed., SP: Cia. das Letras, 1996, p. 268].

⁴⁵ BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 17. ed. SP: Ática, 1997, p. 182.

⁴⁶ Conforme o artigo "Italianos na ficção brasileira: modernidade em processo". [CAPELA, Carlos Eduardo S. "Italianos na ficção brasileira: modernidade em processo". In: *Fragmentos* (Revista de Língua e Literatura Estrangeiras). Florianópolis: UFSC, vol.21, p.147-164, 2003].

responde com uma lógica fundada na inclusão, o que pressupõe, obrigatoriamente, um deslizamento de posturas, valores e ideais. Ou seja, em momento algum há rejeição da diferença, pelo contrário, ele a aceita em sua natureza, desloca-a para dentro dos limites do ‘espaço-nacional’, para seu interior e assim “a ameaça de diferença cultural não é mais um problema do ‘outro’ povo. Torna-se uma questão do povo-como-um”⁴⁷. Certamente, esta postura fazia parte de um projeto maior para deslocar o sentimento de nação para outro espaço e nele esse sentimento “abrangeria toda a espécie humana”. O próprio autor escreve sobre isto num artigo publicado no livro *Bagatelas*: “Não sendo patriota, querendo mesmo o enfraquecimento do sentimento de pátria, sentimento exclusivista e mesmo agressivo, para permitir o fortalecimento de um maior, que abrangesse, com a terra, toda a espécie humana [...]”⁴⁸.

Sobre isto, Sevcenko nos diz que:

Há [...], visíveis, duas dimensões na obra de Lima Barreto, uma primeira organizada em torno da temática do poder e seu efeito de separação, discriminação e distanciamento entre os seres e uma segunda, cujo arranjo provém da experiência dolorosa dos “humilhados e ofendidos” e que converge para o ideal da máxima confraternização entre os membros da humanidade.⁴⁹

Sevcenko está correto ao tratar destas dimensões, e conforme estamos observando elas não se dão de forma separada, já que são os exilados – aqueles que sabem que “num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias”⁵⁰ – que seriam os únicos que teriam o poder de buscar “a máxima confraternização entre os membros da humanidade”⁵¹.

O sentimento final de Quaresma supera a dialética entre ser patriota ou não ser patriota. Durante todo o romance o nosso protagonista nos comprova que este é um contraste infecundo, que deve ser abolido através da superação do nacionalismo. Do seu modo, Quaresma – quando descobre que a sua luta patriótica foi em vão – já nos ensinava o que contemporaneamente nos diz Said ao fim de *Cultura e Imperialismo*:

⁴⁷ BHABHA, Homi. *O local da cultura*. BH: UFMG, 1998, p. 213.

⁴⁸ BARRETO, Lima. “São Capazes de Tudo”. In: *Bagatelas*. Vol. IX - Obras Completas, 2. ed., SP: Brasiliense, 1961, p. 152.

⁴⁹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão - tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed., SP: Cia. das Letras, 2003, p. 223.

⁵⁰ SAID, Edward. “Reflexões sobre o exílio”. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia. SP: Cia. das Letras, 2003, p. 58.

⁵¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão - tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed., SP: Cia. das Letras, 2003, p. 223.

Não se pode negar a continuidade duradoura de longas tradições, de moradias constantes, idiomas nacionais e geografias culturais, mas parece não existir razão nenhuma, afora o medo e o preconceito, para continuar insistindo na separação e distinção entre eles, como se toda a existência humana se reduzisse a isso.⁵²

Referências

- ADORNO, Theodor. *Mínima Morália*. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Trad.: Liolio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- BARRETO, Lima. "Bagatelas". In: *Obras Completas de Lima Barreto*. Vol. IX, São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. "Diário Íntimo". In: *Obras Completas de Lima Barreto*. Vol. XIV, São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana. Rio Grande do Sul: LP&M, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad.: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única - Obras Escolhidas Vol. II*. Trad.: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Avila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renato Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CAPELA, Carlos Eduardo S. "Italianos na ficção brasileira: modernidade em processo." In: *Fragmentos (Revista de Língua e Literatura Estrangeiras)*. Florianópolis: UFSC, vol.21, 2003; p.147-164.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambom – as classes sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia de. "Em busca da terra prometida". In: ANDRADE, Ana Luiza; CAMARGO, Maria Lúcia e ANTELO, Raul (orgs.). *Leituras do Ciclo*. Santa Catarina: Grifos, 1999, p. 239-246.

⁵² SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. SP: Cia. das Letras, 1999, p. 411.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOSSNE, Andrea Saad. “A forma da angústia”. In: *Dossiê Cult - Revista Cult*. n. 60, 2002, p. 50-57.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

_____. *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente*. Trad.: Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad.: Pedro Maia. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. “Uma Ferroada no peito do pé”. In: *Vale quanto pesa* (ensaios sobre questões político-culturais). São Paulo: Paz e Terra, 1982, p. 163-181.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração* (ou os paradoxos da alteridade). São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

_____; QUEIROZ, Renato da Silva. *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP: Estação Ciência, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão – Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VECCHI, Roberto. “Raízes do Brasil e a insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento modernistas”. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). *A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento modernistas*. São Paulo: UNICAMP, 2001, p. 457-469.

Recebido para publicação em 20 de fevereiro de 2007.

Aceito para publicação em 3 de abril de 2007.